

GLOBALIZAÇÃO: a construção de um conceito na obra de Boaventura de Sousa Santos

Alcides Leão Santos Júnior¹

RESUMO

Discute-se a construção do conceito de globalização construído por Boaventura de Sousa Santos. Objetiva-se analisar o referido conceito para compreender seu lugar, importância e desenvolvimento na composição de suas idéias, enquanto componente epistemológico articulador; tendo em vista que o conceito em estudo encontra-se entre aqueles que conferem unidade e coerência lógica a sua obra, permitindo que aflorem tanto explicações argumentativas, contextuais e significativas para diferentes fenômenos e questões sociais quanto caminhos metodológicos para as mais variadas áreas do conhecimento.

Palavras-chave: Globalização. Sociologia. Epistemologia da Ciência

GLOBALIZATION: the construction of un concept in the work of Boa Ventura de Sousa Santos

ABSTRACT

The concept of globalization created by Boaventura de Souza Santos is discussed. The aim is to analyze this concept to comprehend the place, importance and development of its ideas composition like an epistemological component articulator having in mind that the concept studied is between those that give unity to the logical coherence to his work, allowing the appearance of the argumentative, contextual and significant explanations for different phenomena and social issues as methodological ways for a variety of knowledge areas.

Keywords: Globalization. Sociology. Science Epistemology.

¹ Professor da Faculdade de Enfermagem, Campus Avançado do Seridó, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: alcidesleao@uern.br

BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS nasceu em Coimbra². Doutor em Sociologia do Direito pela Universidade de Yale, é Professor Catedrático da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, da Universidade de Wisconsin (EUA). É Diretor do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e do Centro de Documentação 25 de Abril, da mesma instituição. Diretor da Revista Crítica de Ciências Sociais. Autor de artigos científicos e livros cuja temática percorrida é a REINVENÇÃO SOCIAL, na busca de uma globalização contra-hegemônica e na construção de uma Ciência menos dura, mais humanizada, para reinventar um CONHECIMENTO PRUDENTE PARA UMA VIDA DECENTE. Ao longo da sua carreira acumulou vários prêmios, dentre eles, no Brasil, o de Grande Oficial da Ordem de Rio Branco, 1996, o Prêmio Bordalo da Imprensa (Ciências), em 1997 e o Prêmio Jabuti, na área de Ciências Humanas e Educação, em 2001. Neste começo de século XX é considerado um dos principais intelectuais da área de Ciência Sociais do mundo. Veio ao Brasil pela primeira vez em 1970, e tem investigações de campo no Rio de Janeiro, em Recife e São Paulo. Para concluir o trabalho de campo de seu doutoramento, cuja tese foi sobre o pluralismo legal, viveu cerca de meio ano em Jacarezinho, no Rio de Janeiro, onde observou e analisou os hábitos da comunidade, experiência essa que marcou, segundo ele, o início do seu interesse de sociólogo pelos conflitos e vitórias do povo excluído. Nesta ocasião, veio a Natal, em 1979, para escutar de um outro mestre, Luís da Câmara Cascudo, "As coisas que o povo diz": ouvir "as vozes do mundo" para compreender melhor a cultura brasileira. Nesta ocasião também procurou conhecer o CRUTAC, experiência pioneira que se desenvolvia na UFRN, o que possivelmente lhe serviu de sêmen para acreditar no que hoje desenvolve: uma extensão universitária planetária. Professor Boaventura de Souza Santos foi, em 31 de agosto de 2006, o ilustre conferencista do Seminário "Sociologia das Ausências", realizado no Auditório de Reitoria da UFRN. Considera-se um "otimista trágico", por acreditar na possibilidade da construção de um mundo novo, com menos injustiça e desigualdade, e na construção de uma sociedade civil global emancipada, na qual "as vítimas da globalização dominante se transformem em protagonistas de sua própria libertação".

²Saudação proferida pela Professora Dra. Vânia de Vasconcelos Gico, ao Professor Doutor Boaventura de Sousa Santo, no Colóquio Globalização, Direitos Humanos e Cidadania, realizado em Natal - UFRN, em 31 de agosto de 2006.

A sua extensa obra e a de seus colaboradores está orientada para o combate, sem tréguas, a todas as formas de exclusão, injustiça e opressão. Nessa perspectiva é um crítico arguto da globalização hegemônica/neoliberal que aumentou a distância entre ricos e pobres em virtude do aumento desproporcional da esfera do mercado. Desse modo, é uma pessoa profundamente empenhada na consolidação de uma outra globalização que vem emergindo: a globalização contra-hegemônica, da qual o Fórum Social Mundial é um exemplo. Sendo um intelectual que age na esfera da política, do espaço público, fora do qual não há salvação para os nossos males sociais, Boaventura não está apenas preocupado em criticar as formas dominantes, mas também, em fazer proposições, sempre no sentido de reinventar a emancipação social dos povos expostos a toda sorte de exploração. Assim é um intelectual andarilho, um Hermes, empenhado na constituição de algo novo na história das sociedades: a cidadania planetária. Para o autor, a universidade e a ciência têm um papel a cumprir para tornar possível a emergência dessa nova globalização. Para isso, no entanto, elas terão que se reformar; fazer uma ciência com considerações éticas e uma universidade pautada em uma “ecologia dos saberes”.

Para discussão da construção do conceito de globalização em sua obra podemos dizer que, na atualidade, o conceito de globalização é central na obra do sociólogo português, Boaventura de Souza Santos. Dessa forma, discutiremos o conceito de globalização, defendido pelo autor³, visando compreender seu lugar, importância e desenvolvimento na composição de suas idéias, como um componente epistemológico articulador, por encontrar-se entre aqueles que conferem unidade e coerência lógica a sua obra, permitindo que afluam, tanto argumentações explicativas para diferentes fenômenos e questões sociais tais como: educação, crise nas Universidades, movimentos sociais, desemprego, como propostas para novas formas de pensar, dentre as quais a ecologia dos saberes.

Compreendemos que refazer o itinerário de um conceito pressupõe idear sobre a formação de conceitos e sobre os processos lógicos e metodológicos que o antecedem. Nesse movimento, em se tratando de conceito científico, é necessário encontrarmos o percurso tanto no pensamento do autor, em estudo, quanto nos que o subsidiaram positiva ou negativamente no desen-

³ Anexaremos fragmentos de entrevista do autor com outros conceitos importantes, a fim de que possamos contribuir para a ampliação dos conhecimentos da sua obra.

volvimento do conceito. Por essa reflexão, percebemos que o conhecimento humano, do ponto de vista da gnoseologia ou epistemologia, tem início com a formação de conceitos, com a representação lógica do pensamento expressa pela linguagem. Assim sendo, um conceito só poderá ser considerado como componente epistemológico articulador se através dele pudermos pensar a ciência em suas mais diversas formas de produção de conhecimento em sua ação e aplicação. Foi a partir dessas reflexões que nos questionamos: será que o conceito de globalização que vem sendo construído por Santos provoca reflexões sobre a ciência?

Para Chauí (2002, p. 163), “[...] um conceito ou uma idéia não é uma imagem nem um símbolo, mas uma descrição e uma explicação da essência ou natureza própria de um ser, referindo-se a esse ser e somente a ele”. Comprendemos dessa forma, que o conceito seria uma representação, através de um pensamento que daria características e qualidades significativas a determinado objeto o que não deixa de ser em última instância uma forma lógica científica de estruturação mental por meio da qual o cientista expõe seu pensamento, sua visão de mundo e sua inserção nesse mundo.

Já para Bock (Org., 1999) o conceito é uma operação abstrata carregada de significados utilizado para a análise da realidade e é sempre precedido de outros conceitos. Faz uso das palavras da consciência reflexiva e passa por controle deliberado. Visto assim, o conceito é metodologicamente pensado e tem teor subjetivo, embora se alimente da objetividade do sujeito que sobre ele tem controle deliberado e intencional.

O próprio Santos (2001, p. 197) nos diz que:

Todos os conceitos com que representamos a realidade e a volta dos quais constituímos as Ciências Sociais e suas especializações, a sociedade e o Estado, o indivíduo [...] a sociedade-comunidade [...] o regime político e os movimentos sociais [...] todos esses conceitos têm uma textura espacial, física e simbólica, que nos tem escapado pelo fato de os nossos instrumentos analíticos estarem de costas para ela. Mas que, vemos agora a chave da compreensão das relações sociais de que se tece cada um desses conceitos.

Interpretados dessa maneira, os conceitos têm um papel fundamental como forma representativa da realidade, revelando, também, o pensamento de quem os usa com valor, que poderíamos dizer, denotativo. Então, para atingir o objetivo pretendido em relação à construção do conceito de globa-

lização, por Boaventura de Sousa Santos, é necessário que nossos esforços se insiram no contexto social, histórico e cultural no qual ele vem sendo desenvolvido. Tal estratégia possibilita que o conceito seja re-inserido e re-situado e articule-se com novos conceitos respeitando suas especificidades (local) sem perder de vista a diversidade (global). Segundo Vygotsky (1991), um conceito é tecido de forma processual, permanente e envolve todas as funções intelectuais: memória, fala, pensamento, atenção voluntária, meios de comunicabilidade e conhecimentos prévios, inseridos no contexto.

Dessa forma, postulamos que um conceito evolui, não é generalístico, mas abre campo de possibilidades. Sua formação é intencional e pode ser considerada, tanto em nível da compreensão de suas características, dimensões, aspectos; como da extensão o que permite classificá-lo pelo conjunto de suas propriedades. Daí porque, um conceito pode ser construído, formado a partir de um já existente, mas que não satisfaça o que não represente a realidade, que não traduza a coisa concreta sendo a ela contraditório.

Assim, para discutirmos o conceito de globalização, em Boaventura de Sousa Santos, partimos da leitura de alguns livros, especialmente **A globalização e as Ciências Sociais**, do qual extraímos excertos que definem o referido conceito para possibilitar uma melhor visualização, permitindo, assim, a discussão a partir de suas próprias definições.

O fenômeno que ficou conhecido por globalização para Santos (2002a, p. 11)

Trata-se de um processo complexo que atravessa as mais diversas áreas da vida social, da globalização dos sistemas produtivos e financeiros à revolução nas tecnologias e práticas de informação e comunicação, da erosão do Estado nacional e redescoberta da sociedade civil ao aumento exponencial das desigualdades sociais, das grandes movimentações fronteiriças de pessoas como emigrantes, turistas ou náufragos, ao protagonismo das empresas multinacionais e das instituições financeiras multilaterais, das novas práticas culturais e identitárias aos estilos de consumo globalizado.

Encontramos essa definição em **A globalização e as Ciências Sociais**. Mas, é esse o direcionamento que perpassa os demais livros de sua obra publicada, no Brasil. Percebemos, no entanto, que, embora não apareça assim definido, o conceito de globalização nos livros: **Um discurso sobre as ciências** e **Introdução à ciência pós-moderna** a sua estruturação, enquanto componente epistemológico, encontra-se em ambos, pois é neles que Boaventura Santos discute

a ciência, seu sentido e sua construção social, apontando caminhos para uma nova produção científica trazendo diálogos com outros saberes e demonstrando possibilidades para a ciência construir “conhecimentos prudentes para uma vida decente” através de uma aplicação edificante, Como foi proposto pelo autor na obra **Conhecimento prudente para uma Vida Decente: um discurso sobre as ciências revisitado** por ele organizada e retomado nos resultados da pesquisa **Reinventar a emancipação social: para novos manifestos**.

Observamos que o conceito de globalização desenvolvido por Santos está sedimentado numa leitura da realidade concreta, em espaço global, no tempo presente com sentido histórico à medida que sinaliza para a “erosão nacional e a redescoberta da sociedade social”. Nesse sentido, constatamos que é perspectivo e prospectivo, pois costura passado e presente indicando perspectivas para o futuro ao envolver fatos, acontecimentos e modos de ação: indicando também as conseqüências desse processo complexo.

Essa construção parte da análise de duas intencionalidades para a construção do conceito de globalização. Primeiro, explora-se a falácia do determinismo que, segundo o autor procura convencer, fazendo acreditar que o processo de globalização é “espontâneo, automático, inelutável e invencível [...]” (SANTOS, 2002a, p. 50). Por essa falácia, causas, efeitos e conseqüências da globalização se explicariam por ela mesma. Em segundo lugar, analisa a negação das relações conflituosas entre Norte/Sul que se apresenta como uma forma não-política de fazer desaparecer o Sul.

Compreendemos que por trás dessas intencionalidades a globalização produz contradições que giram em torno da globalização - localização; Estado-Nação – Não Estado Transnacional e a natureza político ideológica dos que vêem na globalização a fonte produtora do capitalismo e aqueles que a vêem como trampolim para as lutas anti-capitalistas. Dessa forma, Santos (e colaboradores) em sua obra questionam:

- A globalização é um fenômeno antigo ou novo?
- Existiria apenas a globalização econômica ou globalizações abrangendo outras esferas da vida humana, como a política, a cultural, social, ambiental, o mundo do trabalho e do conhecimento?
- Existiria apenas a globalização hegemônica ou também estava em curso uma globalização contra-hegemônica, emancipatória?
- Quais as relações entre o global e o local?
- O atual contexto se caracteriza por uma crise do paradigma social (capitalista) dominante ou se traduz apenas como ajustes do paradigma dominante?
- Está emergindo, portanto, um novo paradigma social?

Conduzindo-nos a (re)construir o conceito de globalização Santos, em sua obra, sinaliza para pensarmos numa globalização alternativa que lute contra o monoculturalismo autoritário que não favorece a existência de outras culturas. Uma proposta contra o relativismo que impossibilita o diálogo crítico e a mobilização solidária que separa os diferentes grupos sociais. Propõe ainda que na era da globalização a emancipação social “[...] deve dirigir-se tanto aos homens e mulheres incluídos em relações de trabalho quanto aos cidadãos completamente excluídos da possibilidade de auferirem qualquer trabalho pago”. (SANTOS, 2002a, p. 48). Incita-nos, também, a pensar através de uma nova racionalidade contra as monoculturas do saber e do rigor do saber, da produção da inexistência, da não-existência, do tempo linear e da classificação social propondo uma sociologia das ausências, já detalhada na **Gramática do tempo para uma nova cultura política.**

ENTREVISTA

Boaventura de Sousa Santos propõe uma nova teoria crítica para sacudir as ciências sociais e a emancipação política que virá da aproximação de representantes e representados.⁴ Ao repassar a mobilização de setores da sociedade brasileira - greve na USP, invasão da hidrelétrica de Tucuruí (PA) por manifestantes, pancadaria na Assembléia Legislativa de São Paulo - Boaventura não se deteve na análise dessas erupções de violência, nem nas investigações que têm rendido navalhadas na biografia de muitos políticos. Preferiu analisar os titubeios da democracia, sistema político que defende sem hesitar, mas para o qual prescreve um fortificante: combinar o modelo representativo com mecanismos participativos - como o controle do orçamento público pela população. O que parece complicado fica mais claro quando o sociólogo explica por que, nos dias que correm, os cidadãos se sentem tão pouco representados por aqueles em quem votam e instalam no poder. “A democracia vive dias de crise. E não pára de crescer a distância entre representantes e representados.” Nesta entrevista, explica como e quando esse processo teria começado, por que vivemos um déficit de democracia e uma abundância de corrupção no

⁴ Entrevista de Boaventura de Sousa Santos para Laura Greenhagh, intitulada “**Sirva-se um elixir para a Democracia**” e divulgada no jornal “O Estado de S. Paulo”, em 27.05.2007, atualizada, adaptada e autorizada para publicação na Revista da FARN.

mundo, e aproveita para batalhar seus conceitos teóricos. Entre eles, a razão indolente, que justificaria a aceitação do mundo tal como está; a sociologia das emergências, que trata de valorizar experiências humanas “pequenas”, mas embriões de transformações maiores; e a ecologia dos saberes, que contesta o credo de que só o conhecimento científico salvará o planeta. A bordo dessas reflexões, presentes no livro **Renovar a Teoria Crítica e Reinventar a Emancipação Social**, que a editora Boitempo lançou no Brasil, em abril 2007.

1 - Pelo título do seu livro, o senhor parece propor uma ampla revisão de conceitos no âmbito das Ciências Sociais. É isso mesmo?

As teorias críticas que temos hoje e as formas de emancipação política que herdamos do século 20 não nos servem mais. Teríamos, como alternativa, parar de pensar nessas questões, o que não me parece boa idéia porque as sociedades contemporâneas, mais do que nunca, precisam de pensamento crítico e de princípios. Como precisam urgentemente de alternativas do “viver melhor” num mundo mais justo.

2 - Onde as teorias críticas clássicas nos deixaram na mão?

O vazio crítico aparece em vários níveis, eu poderia identificar alguns deles. Estamos assistindo a uma crise grave dos mecanismos da democracia representativa. Porque representação, em termos teóricos, sempre significou duas coisas: autorização e prestação de contas. ‘Com meu voto, eu autorizo alguém a governar em meu nome e depois peço-lhe contas’. Acontece que a evolução dos sistemas representativos acabou por eliminar a idéia do prestar contas. Hoje falamos de representação como um sistema de autorização política, por via eleitoral. E ficou bem mais difícil para o cidadão fazer o acerto de contas, a não ser num próximo pleito eleitoral, eventualmente negando seu voto a um determinado candidato. A verdade é que a distância entre representante e representado aumentou demais. Criou-se o que eu chamo de “patologia da representação”, bem como uma “patologia da participação”, pois o cidadão não participa por achar que seu voto não conta. Vê que os partidos, enquanto estão em luta eleitoral, prometem uma coisa, mas, no governo, fazem outra. O eleitor perde a confiança no sistema e deixa de atuar nele. A democracia representativa já não consegue esconder suas debilidades.

3 - Quais seriam?

Tal como a entendemos hoje, a democracia transita por dois “mercados” diferentes, porém muito articulados. O mercado econômico, que é o dos

valores com preço, e o mercado político, dos valores sem preço. Por este passam as ideologias, os códigos de ética. O que aconteceu? Nos últimos 20 anos houve uma fusão de “mercados”, sob a égide de um modelo econômico segundo o qual tudo se compra e tudo se vende. Inclusive no mercado político, o que nos leva a essa corrupção desenfreada.

4 - Então, a corrupção seria uma espécie de filha da união entre sistema econômico e sistema político?

Sim. Ambos tinham mecanismos de concorrência distintos. Um batalhava por preços, lucros. Outro, por preferências do cidadão, votos. Juntam-se os mecanismos e surge a corrupção endêmica, que não é um fenômeno do partido A ou do partido B, mas vale para todos.

5 - O senhor chegaria a afirmar que o voto virou mercadoria?

Sim, à medida que os representantes, eleitos pelo voto, permitem-se ser vendidos e comprados. Seja em função dos interesses de um curral eleitoral, de uma região, do país ou simplesmente do bolso do político. Isso começou a acontecer em larga escala a partir dos anos 90, na onda de privatizações dos serviços públicos. Quando estes serviços começaram a ser privatizados, vislumbrou-se uma riqueza enorme, feita de investimento nacional, que passaria a ser gerida por leis do mercado. Mas, quem regula estes serviços? O Estado. Daí as articulações crescentes entre governos e grupos econômicos.

6 - É impressão ou a corrupção no mundo cresceu nos últimos anos?

Cresceu fundamentalmente porque houve uma mudança no padrão ético. A idéia de que o Estado é “diabólico” e a perda dos valores do serviço público, eram sintonizadas aos ideais republicanos - como o de que o bem do público prevalece sobre o privado, ou a regra de que eu, funcionário público, necessariamente devo ganhar muito menos do que os que contratam comigo - ora, esses valores foram corrompidos. Fixou-se a idéia de que o que é bom vem da sociedade civil, não do Estado.

7 - Mas, lá trás, viu-se que o Estado centralizador acabava derivando para o Estado paternalista e corrupto.

De fato. Mas tiremos um exemplo do mundo empresarial. Quando uma companhia está mal, reúne-se o conselho de administração para buscar soluções. Ninguém prefere fechar a empresa de cara, certo? Não se fez isso com relação ao Estado. Não se buscou reformá-lo. Ao contrário, disseminou-se a

idéia de que ele é “irreformável”. O que vemos hoje? Vemos que essa visão mudou. No momento inicial de imposição do modelo neoliberal, criou-se não só a idéia de que o Estado é corrupto - o que era verdade - mas a de que o Estado era irrecuperável. Isso, até meados dos anos 90, quando tanto o Banco Mundial quanto o FMI passaram a reavaliar suas posições, chegando à conclusão de que não se pode confiar em Estado fraco. Bom mesmo é o Estado forte, eficiente e transparente. Enterraram a idéia de que não é reformável! Essa mudança aparece claramente no relatório de 1997 do Banco Mundial, com uma análise detalhada do desmantelamento do estado soviético.

8 - Hoje o que se vê na Rússia são infiltrações das máfias em todo o aparelho estatal e na burocracia. Porque aquilo deu nisso?

Porque diante do Estado desacreditado cresceram as organizações mafiosas. Elas ocuparam o vazio de autoridade. Daí os magnatas russos. O senhor Abramovich, por exemplo, é dono do Chelsea, o time inglês que ganhou campeonatos na Inglaterra... E surgiram outros tantos milionários como ele. Ficaram formidavelmente ricos com o encolhimento do Estado. Por isso, proponho rever a política à luz de uma nova teoria crítica. Não devemos detonar a democracia representativa, mas fortalecê-la.

9 - Como intensificar a democracia?

Uma boa opção seria aproximá-la da democracia participativa, que incorpora melhor a prestação de contas.

10 - Professor, o senhor acompanhou com entusiasmo a experiência pe-tista do orçamento participativo em Porto Alegre. Mas o partido acabou sendo derrotado pelo voto?

A idéia não saiu derrotada junto à população, tanto que a prefeitura de Porto Alegre continua a adotá-la. E mais: há orçamento participativo em 1.200 cidades da América Latina. No meu site, no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, mantenho um observatório global das práticas de orçamento participativo e vejo que muitas cidades européias hoje se valem desse mecanismo testado em cidades latino-americanas. Não sou eu quem diz, mas o Banco Mundial: o orçamento participativo, além de ter surtido efeito sobre a distribuição da renda, permitiu que os empréstimos da instituição ficassem mais protegidos da corrupção. Veja o caso dos conselhos municipais de saúde do Brasil: como funcionam bem, de maneira independente, com poder deliberativo e participação dos cidadãos! Esse

modelo não se choca com a representação, apenas se articula com ela. Só que os partidos, de modo geral, não gostam dessa conversa de participação popular, pois a sentem como ameaça... Por essas e outras é que setores da população começam a alimentar um certo fundamentalismo contra os partidos. Reagem dizendo que todos estão podres, todos são vendidos, etc.

11 - Um ministro da base aliada do governo é envolvido em denúncias de corrupção, entrega o cargo, mas se articula para fazer o sucessor. Esse tipo de manobra não faz com que o cidadão passe a descrever da política?

Evidente. Mas isso não acontece só no Brasil. Na Venezuela, Chávez só consegue fazer o que faz porque, lá os partidos já vinham se degradando. Em compensação, na Itália, nos anos 90, a operação Mãos Limpas levou 630 empresários e líderes políticos para a prisão - só em Milão. Foi um processo de limpeza da corrupção que pegou amplos setores.

12 - O senhor já disse que há mais corrupção no mundo. Em contrapartida, há menos democracia?

Exato. Há um déficit de democracia cada vez maior. Nos últimos 20 anos, agravaram-se os problemas da desigualdade no mundo, como prova o relatório do Pnud de 2000. Os 500 indivíduos mais endinheirados do planeta têm tanta riqueza quanto os 40 países mais pobres do globo, países que somam uma população de 1 bilhão de pessoas. Sendo assim, os países periféricos ficaram incapazes de fazer frente às políticas hegemônicas. Neste ponto, eu ressalto o papel meritório de Brasil, Índia e África do Sul, ao cobrarem mais seriedade nas negociações internacionais. Veja agora o que aconteceu com Paul Wolfowitz, retirado do Banco Mundial. A maioria dos países-membros do banco pediu a saída dele, por corrupção. Mas Wolfowitz só caiu porque a União Européia (UE) resolveu derrubá-lo. Como no banco o poder de voto é correspondente ao PIB dos países-membros, de nada adiantaria os 180 mais pobres pedirem a cabeça dele. Isso é déficit democrático. Podemos continuar a análise pensando na ONU, na guerra do Iraque, em Darfur... Se pensarmos em tudo isso vamos, como se diz aqui em Portugal, desfiar um rosário de muitas contas. Quanto à corrupção, ela também é um fenômeno em escala global, mas se dá em graus diferentes. Ela é pequena nos países nórdicos. O mesmo não posso dizer de Portugal, infelizmente. Aqui ela cresce e vejo isso claramente em pesquisas que faço sobre o sistema judiciário. Na África, outra realidade que também estudo, trata-se de problema gravíssimo.

Grande parte da ajuda internacional para as nações africanas ou permanece nas mãos dos doadores ou vai para as mãos de líderes políticos locais. Não chega a quem de fato necessita dela.

13 - Em certos países, experimenta-se a democracia direta. O que o senhor acha disso?

Os referendos, como as consultas e os conselhos populares, são mecanismos importantes para garantir participação. Mas não podem ser usados indiscriminadamente, exigem certas condições, inclusive culturais. A Suíça tem uma vastíssima tradição nessa área. Lá os referendos são uma prática incrustada na cultura política do país, e funcionam muito bem. Mas isso depende do grau de informação do cidadão e dos meios disponíveis para impedir a manipulação da opinião pública. Vamos avaliar o que aconteceu em Portugal. Grupos de alto poder econômico, ligados à Igreja Católica, desviaram a discussão sobre o aborto com anúncios caríssimos, com intervenções televisivas, numa luta desigual. Fora isso, a Igreja intensificou seu trabalho publicitário gratuito nas homilias das missas. Mesmo assim, ao passar por um segundo referendo, o aborto foi legalizado.

14 - O senhor aponta “a razão indolente” como um mal do nosso tempo. O que isso significa?

Ela é como uma pessoa preguiçosa. É a razão que não trabalha, não pensa, não se esforça, acomoda-se na superficialidade das coisas. Anos atrás, o modelo thatcherista foi apresentado como uma idéia acima de qualquer contestação, idéia para a qual não havia alternativa. Foi aceita no mundo inteiro, num movimento passivo, guiado pela razão indolente. Hoje, aceitamos que existem economias e economias, que as européias são diferentes da americana, que esta por sua vez é diferente das latino-americanas, e assim por diante.

15 - A discussão sobre as mudanças climáticas, que hoje se impõe em termos globais, pode decretar o fim da razão indolente?

Sem dúvida. Não escaparemos disso. O meio-ambiente é justamente uma área em que a razão indolente dos Estados têm sido perversa. Evita-se pensar no tema fora dos ciclos eleitorais. Para enfrentar esse problema imenso, que afeta a todos, pede-se uma razão muito mais atenta, muito mais crítica e muito mais cautelosa no sentido de suspeitar daquilo que nos parece natural. Por exemplo: até pouco tempo o governo dos EUA sustentava que não havíamos de nos preocupar com o aquecimento global porque ele não estava provado

cientificamente. Então os países perderam um tempo enorme para reagir ao problema, relaxados numa indolência estrutural e política. Ora, num mundo com risco de colapso ecológico, essa indolência é trágica! As pessoas no Brasil parecem ignorar o ritmo de destruição da Amazônia. É absolutamente preocupante! Não é mais uma questão ambiental, mas de sobrevivência da humanidade. Por que o problema não entra para valer na agenda política? Porque esbarra em interesses econômicos. Voltamos ao ponto inicial.

16 - O senhor enfatiza a necessidade de os países reagirem na chave do multiculturalismo. E condena o “vazio niilista” pós-moderno. Como apoiador de primeira hora do Fórum Social Mundial (FMS), não acha que o slogan “um outro mundo é possível” também é um tanto vazio?

Agradeço esta sua pergunta. Tenho acompanhado o movimento e continuo acreditando que ele é remédio contra o niilismo. Este slogan hoje é repetido em todo mundo exatamente por sua abertura. O movimento não está dizendo que o “outro mundo” é capitalista, socialista ou ambiental. Está dizendo que este sistema atual, que produz desigualdade, catástrofe ambiental e nos mergulha em processos de guerra, não é bom. Queremos outra coisa. O que é? Não sabemos. Vivemos num mundo de perguntas fortes e respostas fracas.

17 - O que é “ecologia dos saberes”?

Uso a expressão na tentativa de incorporar visões que vão além do conhecimento técnico-científico. Tenho andado pela África. Você não imagina o quanto aprendo sentado embaixo de uma árvore, escutando um ancião daquelas comunidades remotas. É outra fonte de saber.

18 - Seu livro opõe duas categorias: a “sociologia das ausências” e a “sociologia das emergências”. Como chegou a essa formulação teórica?

A razão indolente produz ausências. Produz exclusão. Dou um exemplo: a razão indolente acredita que só a ciência é pensamento rigoroso. E todos os outros saberes são irracionais. Acontece que a biodiversidade nos mostra o quão importante é o saber dos índios, o saber dos povos originários de certas regiões. Saberes sem os quais não conseguiremos preservá-la. Portanto, a visão indolente da ciência, como fonte única de saber, produziu, por exemplo, a ausência do pensamento indígena. É simples: se eu quero ir à lua, precisarei do pensamento científico. Mas se eu quero preservar a diversidade amazônica, preciso conhecer o pensamento do índio. Já a sociologia

das emergências é o outro lado disso tudo. É a incorporação de saberes, a inclusão de experiências humanas que, mesmo pequeninas, funcionam como embriões de alternativas. Não é à toa que, hoje, a economia solidária é a sétima do mundo! Micro créditos, mutualidades, cooperativas, projetos populares, programas do Terceiro Setor... não é pouca coisa. Em setembro fui a Belo Horizonte participar do Festival do Lixo e da Cidadania. São catadores que se organizaram em cooperativas e fazem um trabalho incrível para melhorar suas vidas. Trata-se de um movimento absolutamente vibrante e inovador.

REFERÊNCIAS

BOCK, Ana Mercês Bahia (Org.). **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia, 13 ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 12 ed. São Paulo: Ática, 2002.

GREENHAGH, Laura. Sirva-se um elixir para a democracia. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 27 maio 2007. Entrevista realizada com Boaventura de Sousa Santos.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Gramática do tempo**: para uma nova cultura política, São Paulo: Cortez, 2006. (Coleção: para um novo senso comum, 4).

_____. (Org.). **Um discurso sobre as ciências**. 13.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. (Org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente**: um discurso sobre as ciências revisitado. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1996.

_____. **A universidade no século XXI**: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. (Org.). **A Globalização e as Ciências Sociais**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **A Crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001. (Para um Novo Senso Comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática, 1).

_____. (Org.). **Democratizar a democracia**: os caminhos da democracia participativa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. (Reinventar a Emancipação Social: para novos manifestos, 1).

____ (Org.). **Produzir para viver**: os caminhos da produção não capitalista. Rio de Janeiro: Record, 2004. (Reinventar a Emancipação Social: para novos manifestos, 2).

____ (Org.). **Reconhecer para libertar**: os caminhos do cosmopolitismo multicultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. (Reinventar a Emancipação Social: para novos manifestos, 3).

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.